

CARREIRA

O futuro da tradução é humano

Diante das perspectivas de perda de trabalho e de desvalorização salarial com o uso da IA, o tradutor ainda encontra espaço para se reinventar e agregar ao texto um diferencial insubstituível: o talento

» ANA PAULA CORRADINI
especial para o **Correio**

Quarenta segundos. Foi isso que demorou para o Chat-GPT traduzir esta matéria que você está lendo para o inglês. Embora o resultado não tenha o tempero de um texto traduzido sem o auxílio da Inteligência Artificial, o artigo está claro e proporciona uma leitura agradável — e ficou pronto infinitamente mais rápido que uma tradução humana (e totalmente de graça).

Com a quantidade de conteúdo produzida todos os dias, e com uma audiência cada vez mais global em mente, faz sentido pensar que a profissão de tradutor deixará de existir no futuro?

Uma pesquisa conduzida no ano passado pela União Europeia das Associações de Empresas de Tradução (EUATC, na sigla em inglês) revelou que a tendência é “o uso indiscriminado de tecnologia de idiomas, principalmente, inteligência artificial e tradução por máquina, para reduzir custos e minimizar a tradução humana.” De acordo com outra pesquisa, conduzida pela Sociedade de Autores no Reino Unido, 36% dos tradutores disseram já perder trabalho para IA e quase metade (43%) sentiu o impacto no bolso também.

Ainda não há estudos pontuais no Brasil, mas linguistas que estão no mercado há mais de 10 anos também sentem o peso da IA na carga de trabalho. “Entre 2021 e 2023, perdi cerca de 90% do volume de tradução, revisão copywriting,” diz o linguista freelancer Lucas Dasaieve, que trabalha para agências responsáveis pela localização de conteúdo de Big Techs, como o Google.

Ed Alves/CB/DA Press



Professor Thiago Pires, com o aluno Igor de Oliveira, diz que os profissionais precisam ser também curadores linguísticos

“Os valores pagos pelos trabalhos também diminuíram, e isso decepcionou muitos profissionais da área. A promessa inicial era de que a IA faria o trabalho pesado, deixando os humanos apenas para refinar os textos e mantendo a remuneração”, continua Lucas. “Na prática, o humano continua fazendo grande parte do esforço para manter a aparência de que a IA funciona. Trabalhamos mais para corrigir os erros da máquina, mas recebendo muito menos. Atualmente, a pós-edição de IA paga cerca de 50% a 70% menos que a tradução tradicional.”

Outros colegas de profissão também sentem o impacto da IA no volume de trabalho. “Já perdi clientes que decidiram trabalhar com IA de tradução para revisão”, conta uma linguista que também trabalha com localização de conteúdo para o Google, mas prefere não se identificar. “Muitos colegas estão temerosos, e alguns falam sobre o fim da profissão de maneira bastante apocalíptica.”

O linguista André de Souza Mucciolo também conta que, quando uma empresa para a qual ele prestava serviço começou a aplicar modelo de IA às traduções,

não reduziu o pagamento da equipe, mas a coisa logo mudou de figura. “No início foi ótimo, porque o modelo em si acelerou um pouco o trabalho. Após alguns meses, migraram para um modelo de tradução por IA muito superior ao primeiro, e fiquei sem receber trabalhos. Eles acabaram cortando parte da equipe porque, como a tradução de máquina tinha acelerado bastante o processo, só alguns dos profissionais já eram suficientes para dar conta do volume todo”, ele lembra.

No ambiente acadêmico, o clima também é de ansiedade.

“Com o boom da IA que veio depois da pandemia, é claro que os alunos estão preocupados em ingressar no mercado, mas esse ‘medo’ também faz com que eles se mobilizem e percebam que a realidade do tradutor é muito diferente hoje. É preciso correr atrás e aprender como os processos de IA funcionam e como podemos utilizá-la de forma mais inteligente na profissão,” explica Thiago Blanch Pires, professor de Línguas Estrangeiras Aplicadas ao Multilinguismo e à Sociedade da Informação (LEA-MSI) na Universidade de Brasília.